

BENTES, Anna Christina; MARIANO, Rafaela Defendi; ACCETURI, Ana Cecília A. Temas e estratégias referenciais em Conexão: analisando processos de estabilização e de mudança em um programa televisivo. *ReVEL*, vol. 13, n. 25, 2015. [www.revel.inf.br].

TEMAS E ESTRATÉGIAS REFERENCIAIS EM CONEXÃO: ANALISANDO PROCESSOS DE ESTABILIZAÇÃO E DE MUDANÇA EM UM PROGRAMA TELEVISIVO

Anna Christina Bentes¹

Rafaela Defendi Mariano²

Ana Cecília A. Acceturi³

annafapesp@hotmail.com

rafaeladefendi@gmail.com

ana.cecilia_13@hotmail.com

RESUMO: Neste artigo, buscamos fazer um levantamento da configuração temática do programa *Conexões Urbanas*, exibido no canal fechado Multishow, considerando o período de sete anos (outubro de 2008 a março de 2015). Para tanto, descrevemos os processos de centração da significação no contexto de cada episódio do programa e relacionamos as estratégias de introdução de referentes – por meio da análise do título de cada episódio – ao regime simbólico das temáticas estabelecidas. Nossas análises mostram que o programa privilegia determinadas temáticas – “Indivíduos”, “Grupos Sociais”, “Instituições” (de Segurança Pública ou outras), “Projetos/ONGs”, “Questões Sociais e “Lugares de Conflito/Tensão Social”. As análises também revelam que o programa dá preferência, em 96 dos 111 episódios analisados, às estratégias de introdução de referentes realizadas por intermédio de nomes (próprios, de pessoas e lugares, ou nomes de instituições, projetos/ONGs ou outros), siglas e expressões nominais, sendo que estas últimas referem a ou evocam atores sociais a partir de associações lexicais ou de determinados modelos de contexto. Verificamos também que o projeto temático geral do programa e as principais temáticas identificadas estão intrinsecamente relacionados com os modos pelos quais os referentes e/ou temas são introduzidos, na medida em que os atores sociais encontram-se encarnados nas próprias temáticas e também se encontram referidos ou evocados por meio de estratégias referenciais específicas. A relação de mútua constitutividade entre as temáticas do programa e as estratégias referenciais presentes nos títulos configura de maneira peculiar a trajetória do programa no campo jornalístico, possibilita a ancoragem sociocognitiva do projeto temático geral do programa e, por fim, fornece pistas sobre os possíveis modos de construção dos sentidos sociais para os referentes/temas ativados.

Palavras-chave: Referenciação; Tema; Programa Televisivo; Conexões Urbanas.

¹ Professora Doutora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

² Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

³ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

INTRODUÇÃO

Entre o período de outubro de 2008 e março de 2015, o programa *Conexões Urbanas*, transmitido pelo Multishow, canal de TV por assinatura, tem veiculado reportagens que consideramos ser representativas das mudanças pelas quais tem passado a mídia televisiva brasileira, especialmente no que diz respeito às temáticas privilegiadas pelo programa.

Nosso interesse pelo programa *Conexões Urbanas* está relacionado ao trabalho de pesquisa com objetos sociais (gêneros do discurso, ações de textualização e linguagem) vinculados ao chamado campo da cultura popular urbana. Em 2010, Bentes (2009) inicia um projeto de pesquisa financiado pela FAPESP, intitulado “É nós na fita: formação de registros e a elaboração de estilos no campo da cultura popular urbana paulista”, no interior do qual desenvolveu-se um acervo de entrevistas, de *raps* e de programas televisivos, todos vinculados ao que denominamos campo da cultura popular urbana. O programa *Conexões Urbanas* compõe o *corpus* do projeto porque trata de temáticas que, a nosso ver, estão diretamente relacionadas ao campo da cultura popular, ou seja, ao cotidiano dos indivíduos, de grupos sociais, de organizações sociais e de determinadas instituições, e porque também proporciona ao telespectador o acesso a uma diversidade de dialetos, registros e estilos linguísticos do campo popular e de outros campos. Os resultados desse projeto podem ser visualizados no site⁴ desenvolvido e no conjunto de trabalhos⁵ publicados. Em seguida, Bentes (2013) inicia pesquisa financiada pelo CNPq intitulada “Estabilização e inovação dos gêneros midiáticos: tópico discursivo e categorização social”, com o objetivo de analisar as dinâmicas de estabilização, adaptação e inovação de gêneros midiáticos televisivos da grande mídia considerando as dimensões do tópico discursivo e da categorização social. Além disso, Accetturi (2014; 2015) também desenvolveu suas pesquisas no âmbito da proposta de Bentes (2013), procurando, dentre outros objetivos, descrever a organização tópica do programa *Conexões Urbanas* a partir da análise das falas de seus participantes em diferentes situações comunicativas. Na esteira dessas iniciativas, acreditamos que este artigo pode contribuir para o refinamento das análises a serem desenvolvidas no âmbito das pesquisas do grupo.

⁴ O site do projeto é www.projetonoisnafita.com.br.

⁵ No âmbito do projeto “É nós na fita” (FAPESP No. 2009/08369-8), desenvolveram-se os trabalhos de Ferreira-Silva (2011), Granato (2011), Bentes e Ferrari (2011), Mariano (2014).

Nosso pressuposto maior é o de que a investigação da linguagem e do funcionamento dos textos e dos discursos deve estar sempre conectada à materialidade da vida social (BAKHTIN, 1986), sendo que esta é perpassada contemporaneamente por produtos midiáticos televisivos, plenos de poder simbólico e de legitimação. Esses produtos, tal como postula Bourdieu (1997), nos fazem ver e nos fazem crer no que nos fazem ver, mesmo que consistam basicamente de uma realidade social por eles reorganizada. Para o autor, as construções da realidade social veiculadas pela televisão podem ocasionar diversos efeitos sociais. Um exemplo desse processo é o programa *Conexões Urbanas*, que se propõe a ser e é visto como um tipo de “TV ação” ou ainda “TV mobilização”⁶, que busca mostrar as “transformações sociais bem-sucedidas no Brasil e no mundo”⁷. Isso pode ser observado na apresentação do programa no site do canal televisivo por assinatura Multishow: ele funcionaria como o “braço televisivo de um movimento social”, cujo objetivo é criar “elos de conhecimento, cultura e afetividade entre os diversos guetos em que a sociedade se dividiu: ricos e pobres, brancos e pretos”⁸. Seu objetivo final seria o de “gerar reflexão e ação em seu público telespectador”, abordando “pensamentos de sustentabilidade, tecnologia social, cidadania e principalmente paz.”⁹.

De forma a tratar de assuntos de forma mais longa e elaborada, diferentemente de uma notícia, o programa *Conexões Urbanas* estreou no Multishow em 13 de outubro de 2008, e sua primeira temporada, a mais longa até agora, contou com 26 episódios. A cada ano foi lançada uma temporada nova, cada uma com uma média de 15 episódios. Atualmente, o programa encontra-se em sua sétima temporada, que teve sua estreia em novembro de 2014, e já tem a oitava temporada em planejamento. O programa é apresentado por José Junior (doravante, JJ), coordenador-executivo do AfroReggae, organização que luta pela transformação social através da cultura e da arte. Quanto à recepção do programa, selecionamos

⁶ Expressões usadas por Ivana Bentes no artigo “Bangu sem clichês”, publicado no Jornal *O Estado de São Paulo* em 20/08/2010. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,bangu-para-alem-dos-cliches-imp-,597568>. Acesso em 20/06/2015.

⁷ Artigo “Programa Conexões Urbanas, do AfroReggae, inova a TV”, escrito por Ecio Salles e Marcus Vinícius Fasutini e publicado no Jornal *O Globo* em 03/11/2008. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/naperiferia/posts/2008/11/03/programa-conexoes-urbanas-do-afroreggae-inova-tv-137682.asp>. Acesso em 20/06/2015.

⁸ Informações disponíveis em: <http://multishow.globo.com/programas/conexoes-urbanas/sobre.html>. Acesso em: 20/06/2015.

⁹ Informações disponíveis em: <http://www.afroreggae.org/conexoes-urbanas/>. Acesso em 20/06/2015.

alguns textos jornalísticos que trataram de sua estreia no campo midiático televisivo brasileiro. No site do Jornal *O Globo*, em novembro de 2008, logo após os seus primeiros episódios, os jornalistas Ecio Salles e Marcus Vinícius Faustini afirmaram:

PRA QUEM quer entender o mundo em que vivemos a partir de um olhar da periferia, *Conexões Urbanas*, o programa de TV do Grupo Cultural AfroReggae, é uma das melhores opções. Tendo estreado no dia 13 de outubro passado, o programa apresentado por José Junior - fundador e Coordenador Executivo do Grupo - é ágil, direto, com excelente fotografia e aborda temas os mais complexos com a naturalidade e a convicção de quem atua nas fronteiras às vezes hostis, mas quase sempre criativas, que recortam o mundo. E tem a marca de quem já acertou e errou, mas encontrou (ou inventou) alguns caminhos possíveis pra se repensar a vida contemporânea nas grandes cidades. Não por acaso, o objetivo do programa é mostrar "transformações sociais bem-sucedidas no Brasil e no mundo", como informa o *release*.

As repercussões do programa ainda continuaram nos outros anos. No texto “Bangu sem clichês”, publicado no Jornal *O Estado de São Paulo*, em 2010, a articulista Ivana Bentes, analisa o programa como “Televisão-ação”, TV-mobilização.

No final de 2013, o apresentador começou a sofrer ameaças de morte, e a sede do AfroReggae foi alvo de um atentado. Mesmo assim, as gravações não pararam, e o primeiro programa da sexta temporada se preocupou em contar a trajetória pessoal do apresentador. Aliás, segundo o próprio site do AfroReggae, “a sexta temporada de *Conexões Urbanas* começou mais intensa e forte do que as edições anteriores. Logo no episódio de estreia, os espectadores acompanharam a vida de José Junior, após os ataques ao AfroReggae”¹⁰. Dado o exposto até aqui, podemos perceber os impactos do programa à época de sua estreia e a sua importância nos dias de hoje, especialmente no que diz respeito aos processos de legitimação de grupos e atores sociais normalmente (des)legitimados pela mídia tradicional (FALCONE, 2008).

Neste artigo, buscamos fazer um levantamento da configuração temática¹¹ do programa *Conexões Urbanas*, considerando o período de sete anos (outubro de 2008

¹⁰ Disponível em: <http://www.afroreggae.org/conexoes-urbanas/>. Acesso em 21/09/2014.

¹¹ Encontramos nas postulações de Bakhtin (1986 [1929-30]) sobre o problema do tema e da significação a base para estabelecermos o tratamento do nosso objeto social, o programa televisivo *Conexões Urbanas*. Para o autor, os estudos da palavra não podem ser separados da observação de sua significação em uma determinada situação concreta de enunciação: “A maneira mais correta de formular a inter-relação do tema e da significação é a seguinte: o tema constitui o estágio superior real da capacidade linguística de significar. De fato, apenas o tema significa de maneira determinada. A significação é o estágio inferior da capacidade de significar. A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto. A investigação da significação de um ou outro elemento linguístico pode, segundo a definição que demos, orientar-se para duas direções: para o estágio superior, o tema; nesse caso, tratar-se-ia da investigação da significação contextual de uma dada palavra nas condições de uma enunciação concreta. Ou então

a março de 2015). Para tanto, descrevemos os processos de centração da significação no contexto de cada episódio do programa e, em seguida, relacionamos as estratégias de introdução de referentes – por meio da análise do título de cada um dos episódios – ao regime simbólico das temáticas estabelecidas. Nossas análises mostram que o programa privilegia determinadas temáticas: “Indivíduos”, “Grupos Sociais”, “Instituições” (de Segurança Pública ou outras), “Projetos/ONGs”, “Questões Sociais e “Lugares de Conflito/Tensão Social”. A recorrência dessas temáticas permite vislumbrar como o programa foi mudando ao longo desses sete anos de exibição, priorizando, em sua última temporada (2014/2015), temáticas voltadas para questões sociais amplas e para trajetórias individuais. Além disso, as análises também revelam que o programa dá preferência, em 96 dos 111 episódios analisados, a estratégias de introdução de referentes realizadas por intermédio de nomes próprios (de indivíduos ou projetos/ONGs), siglas e expressões nominais (em sua maioria, descrições definidas), os quais, em sua maioria, referem-se a ou evocam atores sociais¹² a partir de associações lexicais ou a partir da ativação de determinados modelos de contexto. Os nomes ou as expressões nominais presentes nos títulos dos episódios possibilitam a observação de estratégias que ou referem diretamente a ou evocam atores sociais. Essas estratégias de referenciação possibilitam a ancoragem sociocognitiva (KOCH, 2002; MARCUSCHI, 2005; MORATO, 2010) do projeto temático do programa, fornecendo pistas sobre os possíveis modos de construção dos sentidos sociais para os referentes/temas ativados.

ela pode tender para o estágio inferior, o da significação: nesse caso, será a investigação da palavra no sistema da língua, ou em outros termos a investigação da palavra dicionarizada.” (Bakhtin, 1986: 131). Sendo assim, todo nosso esforço, ao longo deste artigo, é o de estabelecer as bases contextuais da significação das estratégias de introdução de referentes realizadas por meio de títulos para cada episódio do programa.

¹² Assumimos aqui as postulações de Bourdieu (1983), para quem os atores sociais realizam suas práticas no interior de um campo, onde adquirem interesses, constroem estratégias e fazem escolhas delineadas pelo *habitus* internalizado durante sua trajetória de vida. Apesar de sabermos que o conceito de ator social pode englobar não apenas pessoas, mas também grupos, organizações, instituições e mesmo o Estado, que participam de forma ativa do “jogo social,” neste artigo, estamos enfocando especialmente um tipo de ator social – as pessoas – que passam a protagonizar a cena social. Segundo Moura e Silva (2008), no Brasil, predominaram perspectivas que conferiam uma primazia ao Estado enquanto ator protagonista na estruturação da vida social e/ou do seu desenvolvimento. Em oposição a essa concepção, os autores afirmam que a partir do final dos anos 1970, “atores sociais tradicionalmente marginalizados da cena política passam não apenas a ocupar o “palco”, mas, principalmente, são objeto de uma ressignificação a partir de modelos interpretativos que os valorizam e, no limite, põe-nos como protagonistas da mudança de um país caracterizado por profundas desigualdades e dominações” (p. 45). Acreditamos que esse é o caso do programa *Conexões Urbanas* que se constitui como um tipo de modelo interpretativo que confere legitimidade aos principais protagonistas das mudanças sociais pelas quais vem passando o país desde sua redemocratização, mas mais especialmente nos últimos sete anos, período em que o programa foi criado e mantido.

1. CONEXÕES URBANAS: AS TEMÁTICAS DO PROGRAMA

Nesta seção, nosso objetivo é descrever, ainda que brevemente, as temáticas desenvolvidas ao longo das sete temporadas do programa *Conexões Urbanas*. Metodologicamente, o levantamento dessas temáticas ocorreu após assistirmos aos vídeos¹³ e lermos os resumos dos 111 episódios¹⁴ do programa, exibidos entre os anos de 2008 e 2015, procurando uma característica importante do tema, a saber, os processos de centração da significação no contexto do programa, para os quais contribuem também recursos audiovisuais, que não serão objeto de análise neste artigo. A partir dessa observação, postulamos sete temáticas sob as quais estão agrupados os episódios das sete temporadas: “Projetos/Organizações Não-Governamentais (ONGs)”, “Instituições de Segurança Pública”, “Outras Instituições”, “Indivíduos”, “Questões Sociais”, “Grupos sociais” e “Lugares de tensão social”. A partir desse levantamento, foi possível fazer uma análise quantitativa e também uma análise comparativa das temáticas nas diferentes temporadas, o que nos permitiu observar as mudanças ocorridas ao longo dos sete anos de exibição do *Conexões Urbanas*.

A primeira temática é “Projetos/Organizações Não-Governamentais (ONGs)”. Apesar de as temáticas “Projetos/Organizações Não-Governamentais (ONGs)” e “Instituições de Segurança Pública” e “Outras Instituições” poderem ser englobadas em uma categorização geral como “Instituições”¹⁵, optamos por separá-las em função de significativas diferenças entre elas. No caso das prisões, elas se diferenciam, por exemplo, das ONGs, por serem caracterizadas como instituições totais¹⁶. Projetos e

¹³ Os vídeos dos episódios da 1ª à 4ª temporada foram disponibilizados pelo grupo AfroReggae em: <https://vimeo.com/afroreggae/albums>. Acesso em: 20/06/2015. Os episódios da 5ª e 6ª temporadas podem ser parcialmente vistos no site do Canal Multishow: <http://multishow.globo.com/programas/conexoes-urbanas/episodios.html#temp=5&pag=1>. Acesso em: 20/06/2015.

¹⁴ Dois episódios da primeira temporada – *Ser humano transformador 1* e *Ser humano transformador 2* - não foram incluídos na análise, pois se tratavam de compilações dos programas anteriores. Ver títulos dos episódios das temporadas no Anexo 1.

¹⁵ Segundo Goffman (1987: 14-5), “Os estabelecimentos sociais – instituições, no sentido diário do termo – são locais, tais como salas, conjuntos de salas, edifícios ou fábricas em que ocorre atividade de determinado tipo. (...) Algumas instituições fornecem o local para atividades, nas quais o indivíduo tem consciência de obter seu *status* social, não importando quão agradáveis ou descuidadas elas possam ser; outras instituições, ao contrário, proporcionam um local para agremiações consideradas como opcionais e de distração, que exigem como contribuição o tempo que sobrou de atividades mais sérias. (...) Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo; em resumo, toda instituição tem tendências de ‘fechamento’”.

¹⁶ Segundo Goffman (1987 *apud* Benelli, 2004: 38-9), “as instituições totais se caracterizam por serem estabelecimentos fechados que funcionam em regime de internação, onde um grupo relativamente numeroso de internados vive em tempo integral. A instituição funciona como local de residência,

ONGs se distinguem de instituições como a Polícia¹⁷, por exemplo, por serem atividades sociais organizadas ou organizações da própria sociedade civil que não têm o poder de coerção sobre os membros da sociedade e que têm por objetivo buscar soluções para problemas sociais, como a desigualdade social, o uso de drogas, a violência social etc. Assim, se tivéssemos incluído todas essas instituições que são tematizadas no programa em uma única categoria, não poderíamos ter feito comparações entre a tematização de instituições ligadas a um espaço policial disciplinado e disciplinar, como é o caso das polícias militar e civil brasileiras, e aquelas que são organizações da própria sociedade civil em busca da solução de problemas sociais, como é o caso dos Projetos e das ONGs. Dentro da categoria “Projetos/Organizações Não-Governamentais”¹⁸, o programa exibiu oito episódios que tematizaram especificamente o trabalho de diversas ONGs no Brasil, como é o caso dos episódios: (i) *Saúde*, que apresentou o trabalho das ONGs “Doutores da Alegria” e “Saúde Criança Renascer; a primeira desenvolve trabalhos com pacientes e funcionários de hospitais a partir do trabalho artístico de “clowns” e a segunda

trabalho, lazer e espaço de alguma atividade específica, que pode ser terapêutica, correcional, educativa etc. Normalmente há uma equipe dirigente que exerce o gerenciamento administrativo da vida na instituição.” Ainda segundo Benelli (2002), as prisões, assim como manicômios e conventos, por exemplo, podem ser consideradas instituições totais, pois, apesar de utilizarem mecanismos de segregação, estratificação social e modelagem da subjetividade, que não são necessariamente diferentes das relações de dominação e subjetivação e dos processos de poder em vigor em toda e qualquer sociedade, os mecanismos produtores de subjetividade nesses locais são exacerbados, por se tratar de situações extremas. Nesse caso, nas instituições totais, há a possibilidade, segundo o autor, de se reduzir a identidade social de um sujeito a um atributo estigmatizante ou a um único e exclusivo papel, que representa a categoria social mais baixa dentro de um grupo fechado, estratégia que fundamenta esse tipo de instituição.

¹⁷ Para Tavares-dos-Santos (2014), a organização policial se constituiu a partir de dois modelos: aquele ligado à expansão do poder do Estado, desde o século XVIII, com a função de manter a ordem pública, a liberdade, a propriedade e a segurança individual, cristalizando o “modelo francês de polícia”, centralizada e estatal; um outro modelo é aquele denominado “modelo inglês da polícia”, pautado por princípios como o de prevenção do crime; o de que o reconhecimento e a aprovação do público relativos ao poder policial encontra-se em uma razão inversa da necessidade de utilização da coerção física; o do emprego mínimo da força; o do respeito ao poder judiciário e o de que a eficácia da polícia é ausência do crime e da desordem. Tanto em sociedades periféricas, como o Brasil, como em sociedades centrais, o autor afirma que há uma terceira dimensão do trabalho policial: o direito à vida. “Nessa perspectiva, o trabalho policial se realiza sempre às margens da vida, ou no limite da norma social, exercendo um poder próximo ao excesso.” Ainda para o autor, “o trabalho policial na sociedade contemporânea caracteriza-se por um campo de forças sociais que se estrutura a partir de três posições: o exercício da violência legítima, a construção do consenso e as práticas de excesso de poder, a violência ilegítima” (p. 20).

¹⁸ “No Brasil, as entidades conhecidas como ONGs, caracterizadas como sem fins lucrativos, são constituídas sob a forma jurídica de associações e de fundações privadas. Porém, habitualmente, são identificadas como ONG, OSCIP, OS, Instituto, Instituição etc. ONG é uma tradução de *Non-governmental organizations* (NGO), expressão muito difundida no Brasil e utilizada, de uma forma geral, para identificar tanto associações como fundações sem fins lucrativos. Portanto, associação e fundação são os dois modelos possíveis, de acordo com o Código Civil brasileiro, de constituição de pessoas jurídicas integrantes do Terceiro Setor, que podem também receber títulos de OSCIP, OS, dentre outros.” Adaptado de <http://www.terceirosetoronline.com.br/ong-os-oscip/>. Acesso em 20/06/2015.

desenvolve um trabalho de inclusão social de 2.000 famílias de crianças portadoras de doenças infecciosas e de câncer que estão abaixo da linha da pobreza; (ii) *Inclusão/O frei atrevido*, que apresentou o trabalho da ONG Educafro, cujo trabalho é o de auxiliar na inserção de alunos quilombolas nas universidades; (iii) *Luta pela paz*, que apresentou o trabalho da ONG com o mesmo nome cujo objetivo é evitar a entrada de jovens do Complexo da Maré (RJ) no mundo do crime por meio do exercício do boxe; (iv) *Ação Comunitária*, que mostrou o trabalho da ONG com o mesmo nome, responsável por promover a inserção de jovens e adultos do Complexo da Maré (RJ) no mercado de trabalho; (v) *Saúde e Alegria*, que apresentou a ONG de mesmo nome que atua em iniciativas de desenvolvimento comunitário integrado e sustentável nas regiões ribeirinhas da Amazônia; (vi) *Down em movimento*, que divulgou o trabalho de atendimento a crianças portadoras de Síndrome de Down da ONG “Movimento Down”; (vii) *Nós do morro*, que apresentou a escola de teatro, televisão e cinema na comunidade carioca do Vidigal (RJ); (viii) *OELA*, a Oficina Escola de Lutheria da Amazônia, cujos objetivos são os de formar jovens na especialização “Lutheria” e também oferecer vários outros cursos profissionalizantes.

Ainda dentro dessa temática, seis episódios apresentaram projetos de iniciativas pessoais e de empresas que obtiveram êxito na sociedade, sendo eles: (i) *Eles fazem a diferença*, que apresentou iniciativas de pessoas que lutam pela melhoria da sociedade por meio de atividades esportivas, educacionais, musicais e gastronômicas; (ii) *Gerando Falcões*, que mostrou o projeto criado por Eduardo Lyra, cujo objetivo é o de inspirar jovens da periferia do Rio de Janeiro a serem agentes de mudança a partir de atividades ligadas à literatura e à cultura hip-hop; (iii) *O papel social do artista*, que abordou projetos sociais e histórias de vida de artistas que transformam o mundo ao seu redor a partir de iniciativas motivadoras; (iv) *Responsabilidade Social*, que tematizou as iniciativas inovadoras do setor de responsabilidade social do grupo de propaganda e serviços de marketing ABC; (v) *Rede Cultural Beija-Flor*, que mostrou a iniciativa de Gregory Smith de criar uma organização responsável por juntar lideranças e talentos das comunidades da região de Diadema, em São Paulo, para a oferta de cursos de arte, música, dança e de apoio educativo; (vi) *Tião Rocha*, que divulgou a iniciativa desse sujeito na criação do “Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento”, cujo objetivo é o desenvolvimento de tecnologias a partir de saberes populares para o uso em escolas e em comunidades de baixa renda em sete estados do Brasil e também em países da África.

Outros quatro episódios dessa temática trataram de projetos ligados especificamente à arte: (i) *Fora do eixo*, o qual apresentou o trabalho desse coletivo, em Cuiabá (MS), cujo objetivo é o de produzir e divulgar arte e artistas independentes no Brasil e no exterior; (ii) *Tambor Social*, que apresentou o trabalho do projeto Ilê Aiyê e também as oficinas musicais promovidas pelo AfroReggae em Londres; (iii) *Porrada Social*, que abordou o trabalho da academia de boxe “Academia Nobre Arte” e do projeto Abadá Capoeira; (iv) *Capoeira*, que novamente destacou o trabalho do projeto Abadá Capoeira.

Também foram exibidos três episódios sobre projetos que têm a participação de detentos e ex-detentos, sendo eles: (i) *Liberta Moda*, que apresentou um projeto em que os detentos da penitenciária Juiz Plácido de Souza, em Caruaru (PE), criam peças de roupas para desfiles locais; (ii) *Pastor Marcos*, que apresentou o projeto de um centro de recuperação de ex-detentos, no Rio de Janeiro; (iii) *Empregabilidade*, que apresentou o projeto, criado pelo AfroReggae, de inclusão de ex-detentos no mercado de trabalho. Ainda no âmbito dos projetos e ONGs, foram apresentados três episódios sobre projetos voltados para a juventude: (i) *Bagunçaço*, projeto desenvolvido em Salvador com o objetivo de promover o orgulho dos jovens pelas suas origens étnicas; (ii) *Casa do Zezinho*, projeto criado na comunidade do Capão Redondo, em São Paulo, que oferece aos jovens diversos serviços e atividades educativas; (iii) *Circo Social*, que apresentou o projeto circense “Crescer e Viver”, que atende mais de 300 crianças no Rio de Janeiro.

Também foram apresentados projetos voltados para a melhoria de vida de grupos discriminados e para a luta contra o preconceito: no episódio *Prostituição*, foram divulgadas iniciativas que estão mudando as condições de trabalho das prostitutas; e no episódio *Mulher*, foram apresentados projetos na Bahia e em Pernambuco que têm como objetivo a melhoria das condições de vida das mulheres, sobretudo das mulheres negras. Houve ainda episódios que destacaram projetos que posteriormente tiveram maior divulgação nas mídias digitais, como é o caso do episódio *Veneno e antídoto*, que mostrou o lançamento do site “O Veneno e o Antídoto – Uma Visão da Violência no Brasil”, iniciativa do apresentador José Junior e do diretor colombiano Estevão Ciavatta que reuniu histórias de vida e depoimentos de pessoas afetadas pela violência social brasileira; e do episódio *5x Favela*, que desenvolveu oficinas de cinema nas comunidades cariocas e que acabou se transformando em um documentário.

Outros três episódios mostraram projetos sociais desenvolvidos com o objetivo de proporcionar alguma inclusão social para a população residente em favelas brasileiras e também em favelas no exterior: (i) *Carreta da saúde* mostrou como se leva atendimento médico para a população vulnerável do Complexo do Alemão (RJ); (ii) *Lombra e Consciência* tratou do projeto CUFA Ceará, que atende cerca de 1500 famílias em Fortaleza, disponibilizando a elas lazer e inclusão, além de alertar a comunidade local sobre o avanço das drogas na cidade; (iii) *Índia* apresentou o Tara Projects, projeto que procura garantir justas condições de comércio para artesãos indianos.

Por fim, o *Conexões Urbanas* exibiu ainda dois episódios que focaram na própria organização social produtora do programa, o AfroReggae. Intitulados *Causa e Efeito*, esses episódios foram exibidos logo após os atentados que atingiram o AfroReggae em 2013, abrindo a sexta temporada do programa. No primeiro episódio, foram exibidos trechos de entrevistas com JJ na ocasião dos ataques sofridos e da repercussão que os ataques tiveram na mídia, além dos momentos mais privados de JJ em casa e na família. No segundo episódio, foram mostrados os novos rumos tomados pelo apresentador e também as consequências do ataque ao AfroReggae, assim como a mobilização de pessoas que se uniram para apoiar a causa dessa organização. Na Tabela 1, a seguir, estão incluídos todos os episódios acima descritos, que apresentam projetos e organizações não-governamentais ao longo das sete temporadas do *Conexões Urbanas*:

Tabela 1: Temática “Projetos/ONGs”

Temporada/Ano	Projetos/ONGs	Total	
1ª (2008)	Liberta Moda Pastor Marcos Bagunção Casa do Zezinho Lombra e consciência Saúde Índia	Rede Cultural Beija-flor Prostituição Tambor social Mulher Responsabilidade social Ação comunitária	13
2ª (2009)	Circo social Nós do morro Porrada social	5x Favela Empregabilidade	05
3ª (2010)	Saúde e Alegria Tião Rocha	Veneno e Antídoto	03
4ª (2011)	OELA Inclusão/ O Frei atrevido	O papel social do artista Carreta da saúde	04
5ª (2012)	Fora do eixo Luta pela paz	Eles fazem a diferença	03
6ª (2013)	Causa Efeito	Capoeira	03
7ª (2014)	Down em movimento	Gerando Falcões	02
		33	

A partir da Tabela 1, podemos constatar que 30% das temáticas (33/111 episódios) presentes nos episódios do *Conexões Urbanas* tratam de projetos sociais desenvolvidos a partir de iniciativas particulares de diversos atores sociais, empresas e ONGs de diversas regiões do país. Dessa forma, o programa parece construir sua identidade a partir de uma agenda positiva de temas, principalmente ao divulgar iniciativas que têm a inclusão social como um de seus principais objetivos.

A segunda temática postulada, “Instituições de Segurança Pública”, é composta por episódios que se referem a instituições como a Polícia, o Exército e também as prisões. No caso da instituição Polícia, o programa teve oito de seus episódios tematizando especificamente essa instituição: (i) *A polícia que queremos* apresentou uma discussão acerca do verdadeiro papel da Polícia na sociedade; (ii) *Conflitos I – Polícia* mostrou, de perto, operações policiais do CORE nas favelas do Rio de Janeiro, a partir do ponto de vista dessa instituição; (iii) *Pacificação* mostrou o processo de pacificação em favelas do Botafogo, Jacarepaguá e Realengo, no Rio de Janeiro, a partir de conversas com especialistas – pesquisadores e comandantes de policiamento – e também com moradores locais; (iv) *Comandos* exibiu entrevistas de José Junior com ex-integrantes de grupos armados que dominam as favelas do Rio de Janeiro, com um ex-miliciano e com o atual comandante das UPPs do Rio de Janeiro, apresentando a visão de cada ator social sobre a questão dos Comandos na cidade; (v) *COE* e (vi) *CORE* abordaram, respectivamente, as operações da Polícia Militar e da Polícia Civil no Rio de Janeiro, sob a ótica dos policiais envolvidos nessas operações; (vii) *Operação Amazônia* exibiu uma operação de rotina da unidade de repressão local amazonense contra o tráfico de drogas; e (viii) *Operação contra o contrabando* mostrou a operação da Polícia Federal contra o contrabando de drogas nas fronteiras do Brasil com Peru, Colômbia e Bolívia.

Ainda no âmbito da temática “Instituições de Segurança Pública”, o programa apresentou sete episódios que tematizaram os presídios no País, sendo eles: *Talavera Bruce*, no qual JJ entrevistou as detentas desse presídio, que relataram a dura realidade ali vivida, bem como alguns especialistas no assunto, sempre buscando soluções para essa difícil situação; os episódios *Cidade Bangu I*, *Cidades Bangu II: chapa quente* e *Cidade Bangu III: papo de futuro*¹⁹, nos quais os próprios

¹⁹ De acordo com Ivana Bentes, em artigo intitulado “Bangu, para além dos clichês”, publicado no Jornal *O Estado de São Paulo*, em 2010, o programa sobre o complexo de Bangu “não busca romantizar criminosos nem aliviar os crimes efetivamente cometidos”, mas parte do “pressuposto de

presidiários tiveram voz para relatar as suas condições de vida, e também nos quais foram apresentadas as visões da administração da penitenciária – aqueles que atuam na repressão; os episódios sobre essas penitenciárias acima abordaram ainda questões como superlotação, os perigos enfrentados pelos detentos, rebeliões, assistência médica, projetos educacionais e ressocialização; o episódio *Presídio Central*, que mostrou as difíceis condições que o local, uma das piores unidades prisionais do país, oferece aos presos gaúchos e levantou a questão da ressocialização dos detentos; o episódio *Alcatraz Mineiro*, que apresentou o presídio mineiro em Ribeirão das Neves, mostrou a rotina e as atividades de reinserção social dos detentos no primeiro presídio brasileiro administrado por parceria público-privado; o episódio *Bandido tem jeito?*, que mostrou um novo modelo de administração prisional através da Associação de Proteção e Assistência a Condenados de Belo Horizonte, em Minas Gerais. O diferencial desse presídio está no fato de os próprios detentos terem as chaves das celas, de não haver agentes prisionais fazendo a segurança da unidade e de a contagem dos presos ser feita por eles próprios.

Por fim, o programa apresentou um episódio, intitulado *Exército na rua*, que mostrou a ocupação do conjunto de favelas do Complexo do Alemão pelo exército. A seguir, segue a Tabela 2, com os episódios que integram a temática “Instituições de Segurança Pública”:

Tabela 2: Temática “Instituições de Segurança Pública”

Temporada/Ano	Instituições de Segurança Pública		Total
1ª (2008)	A polícia que queremos	Talavera Bruce	02
2ª (2009)	Conflitos I: polícia	Pacificação	02
3ª (2010)	Cidade Bangu I Cidade Bangu II: chapa quente	Cidade Bangu III: papo de futuro	03
4ª (2011)	Comandos Exército na rua	Operação Amazônia	03
5ª (2012)	Operação conta o contrabando	Presídio Central	02
6ª (2013)	Alcatraz mineiro COE	CORE	03
7ª (2014)	Bandido tem jeito?		01
			16

A partir das breves descrições dos episódios e da Tabela 2, acima, podemos perceber que um dos destaques temáticos do programa é a Polícia, instituição que é vista a partir da voz dada aos próprios policiais e sob sua ótica interna. Apenas no

que ‘nem todo preso é bandido’” e de que “mesmo que seja, ter entrado para o crime não é o ‘fim da linha’, ou não deveria ser”.

episódio *Pacificação*, a temática é tratada a partir do ponto de vista de especialistas, como pesquisadores e comandantes de policiamento, e também dos moradores das comunidades pacificadas. Já as outras operações policiais são tratadas a partir do ponto de vista de quem as realiza, ou seja, dos policiais e das autoridades envolvidas. Outra instituição que tem aparição constante nas temporadas do programa são os presídios. Nesse caso, aparecem pontos de vista dos protagonistas dessa tensão social, os presidiários, que mostram as suas rotinas e os difíceis processos de reinserção na sociedade, e também dos especialistas, que abordam, a partir de uma visão externa sobre o assunto, questões acerca das condições de vida dos presos em diversas penitenciárias do Brasil e acerca da reinserção dos ex-detentos na sociedade.

Além das ONGs e das instituições de segurança pública, outras instituições foram tema de três episódios do programa. Os episódios que integram a temática “Outras instituições” são: (i) *Banco Palmas*, banco comunitário criado em Fortaleza (CE), o qual dá crédito para indivíduos que não teriam perfil para conseguir empréstimos em instituições comuns, capacitando-os para gerar renda no município e movimentar o mercado local de forma sustentável; (ii) *Flaskô*, fábrica de reservatórios e tonéis plásticos localizada em Sumaré (SP) que foi invadida e funciona sob controle dos próprios funcionários; (iii) *INCA*, o Instituto Nacional do Câncer, no Rio de Janeiro, que abordou o funcionamento do hospital, principalmente no tratamento de crianças. Nesse episódio, José Junior conversou com os pequenos internos e também com especialistas sobre prevenção e tratamento da doença. Na sequência, segue a Tabela 3, em que constam os episódios agrupados na categoria “Outras instituições”:

Tabela 3: Temática “Outras instituições”

Temporada/ Ano	Outras instituições	Total
1ª (2008)	Banco Palmas	01
2ª (2009)	Flaskô	01
6ª (2013)	INCA	01
		03

A quarta temática levantada é “Indivíduos”, sob a qual estão agrupados os episódios que destacaram a vida pessoal ou profissional de um ou mais indivíduos.

Dentro dessa categoria, ressaltam-se, em primeiro lugar, os episódios que retrataram a trajetória de pessoas que superaram dificuldades e que, de alguma maneira, conseguiram se destacar em suas esferas de atuação. Primeiramente, há

dois episódios que mostraram histórias de pessoas que superaram o preconceito: (i) *Verdadeiros ídolos*, que apresentou a trajetória de três jovens negros que superaram o preconceito racial e a situação econômica difícil da família, usando o estudo como ferramenta de transformação de suas vidas; (ii) *Rafaella*, que contou a história de vida de uma transexual que luta para superar o preconceito e para terminar seus estudos na universidade.

Há também dois episódios que mostraram as histórias de pessoas que superaram acidentes, mortes e outras dificuldades pessoais: (i) *Erga-se*, no qual foram entrevistadas pessoas que são exemplos da inesgotável capacidade de superar barreiras: um acidente, a vida no crime e a morte de um filho; e (ii) *Radicalizando*, no qual JJ conversou com dois atletas radicais com deficiência e outros dois atletas paralímpicos.

Em relação às histórias pessoais que envolvem superação de dificuldades econômicas, além do episódio já citado, *Verdadeiros ídolos*, pode-se incluir o episódio *Vá e vença*, que apresentou histórias de empreendedores visionários que modificaram o rumo de suas vidas e também o da população dos locais onde atuam; e o episódio *Atrás do sonho*, que mostrou a vida de pessoas que vieram da extrema pobreza e que hoje são exemplos de sucesso: o ex-jogador Ronaldo "Fenômeno", o cantor Zezé Di Camargo e o cinegrafista dos programas de TV do AfroReggae, "Chechena".

Também há episódios que mostraram a trajetória pessoal e profissional de ativistas sociais. No episódio *Revolucionários*, JJ mostrou a trajetória de pessoas que "fazem a revolução" em três lugares do mundo: o *rapper* e escritor MV Bill, o líder do Olodum, João Jorge, e o ativista e deputado em Hong Kong, Long Hair. No episódio *Escudeiros da luz*, mostrou-se a trajetória do jornalista Manoel Soares, que se destaca pelo jornalismo participativo em periferias no Rio Grande do Sul. No episódio *Faustini*, José Junior entrevistou um dos maiores agitadores culturais do país, Marcus Faustini, que atua como diretor teatral, documentarista e escritor e é também fundador da Agência Redes para Juventude.

Ainda há dois episódios que apresentaram a trajetória pessoal e profissional de empreendedores: (i) *Empreendedorismo*, no qual foram apresentados os atores sociais Rômulo Costa, diretor da Furacão 2000, e André Skaf, coordenador do Grupo "Novos Líderes"; (ii) *O caminho do coração*, no qual foram apresentadas as histórias

do fundador da Natura, Guilherme Leal, e do vocalista da Banda AR 21, antiga Banda AfroReggae, Anderson Sá.

Ainda na mesma categoria, há três episódios nos quais JJ entrevistou indivíduos que se destacaram em suas esferas de atuação profissional: (i) *Dossiê Reimão*, que tratou da trajetória e atuação de Marcos Reimão, delegado da Polícia Civil do Rio de Janeiro “conhecido como um cara linha dura” e “incorrupível”; (ii) *O homem por trás do martelo*, que apresentou uma entrevista com o juiz titular da Vara de Execuções Penais, Carlos Eduardo Figueiredo, que tem sob sua custódia 30 mil presos no Rio de Janeiro e que luta pela ressocialização dos encarcerados; (iii) *O Niemeyer que salva vidas*, que mostrou a vida de um famoso neurocirurgião, Dr. Paulo Niemeyer Filho, e de sua família. No episódio *São Jorge*, foram exibidos relatos de devotos – pessoas famosas e não famosas – do santo e o relato de um empresário que criou uma linha de roupas em homenagem ao “santo guerreiro”. Por fim, há um episódio, intitulado *Pixote e a vendedora de rosas*, que tematizou a vida de dois ex-meninos de rua que se transformaram em atores: Lady Tabares, que estrelou o filme *A vendedora de rosa*, na Colômbia, e Fernando Ramos da Silva, que estrelou o filme *Pixote*, no Brasil. A seguir, na Tabela 4, constam os nomes de todos os episódios que estão incluídos na categoria “Indivíduos” e a quantidade de episódios dentro dessa temática por temporada.

Tabela 4: Temática “Indivíduos”

Temporada/Ano	Indivíduos	Total
1 ^a (2008)	Revolucionários Empreendedorismo	O caminho do coração 03
2 ^a (2009)	-	00
3 ^a (2010)	Celso Athayde: o cara do momento	Pixote / A vendedora de rosas 02
4 ^a (2011)	Dossiê Reimão	01
5 ^a (2012)	Escudeiros da luz	O homem por trás do martelo 02
6 ^a (2013)	Verdadeiros ídolos Rafaella Erga-se	Faustini Radicalizando 05
7 ^a (2014)	São Jorge Vá e vença	Atrás do sonho O Niemeyer que salva vidas 04
		17

Com base na Tabela 4, e nas breves descrições dos episódios, podemos afirmar que, nos episódios que integram o conjunto temático “Indivíduos”, são valorizadas as trajetórias de indivíduos que podem ser considerados aqueles que “fazem a diferença”, seja porque superaram dificuldades econômicas, pessoais e sociais e se

transformam em sujeitos de sucesso, seja porque atuam como ativistas sociais, buscando mudar a realidade de jovens e adultos na periferia, ou ainda seja porque se destacam profissionalmente pela dedicação e seriedade.

Outra temática levantada é “Questões Sociais”, a segunda mais desenvolvida no programa, depois de “Projetos/ONGs”. Dentro dessa temática, podemos observar vários episódios que tematizam diversos tipos de violência: em *Violência e prevenção*, traçou-se o perfil da violência no país, a partir de entrevistas com diferentes personagens da violência: bandidos e ex-detentos, coordenadores de projetos sociais, especialistas – um sociólogo e o coordenador do Movimento Brasil sem Armas; em *Segurança*, apresentaram-se diversas visões de especialistas sobre soluções para acabar com a violência; em *Pedofilia*, mostraram-se depoimentos de crianças e familiares de crianças que sofreram abusos e a operação da polícia que levou à prisão de um pedófilo; em *Homofobia: parte I*, tematizou-se a constância das violências física e verbal sobre a comunidade LGBT; em *Lei seca*, tratou-se de iniciativas para debelar a violência no trânsito, por meio de campanha do estado e de uma ONG (Trânsito amigo) do Rio de Janeiro. Também foram tratados temas polêmicos, como a legalização das drogas, nos episódios *Legalização* e *Sem hipocrisia*; as vantagens da pirataria, no episódio *Pirataria*; a proposta de anistia de ex-trafficantes presos, nos episódios *Anistia* e *Anistia II*. Nos episódios *Trilogia da terra* I, II e III, discorreu-se sobre sustentabilidade, sobre a relação entre o ser humano e a natureza, sobre a violência no campo brasileiro e as consequências da mineração no norte do país. Há ainda dois episódios que trataram da questão do racismo no Brasil: *Somos racistas?* e *Fashion Black*; outros dois episódios trataram da arte e da cultura a partir da intervenção de diversos atores sociais em meios urbanos inusitados: *O poder da arte* e *Cultura urbana SP*; um episódio que apresentou caráter metadiscursivo por discutir o próprio papel da imprensa (*Papel social da imprensa*); um episódio tratou das vantagens da iniciativa de se reciclar óleo (*Óleo reciclado*). Por fim, o episódio *De pai para filho* apresentou um debate, mediado pelo desembargador Siro Darlan, sobre a vida no mundo do crime e do qual participaram José Junior, quatro menores que cumprem medida socioeducativa e ex-chefes do tráfico de drogas do Rio. Todos esses títulos estão na Tabela 5, distribuídos por temporada:

Tabela 5: Temática “Questões Sociais”

Temporada/Ano	Questões Sociais	Total	
1 ^a (2008)	Violência e prevenção Óleo reciclado	Segurança O poder da arte	04
2 ^a (2009)	Fashion Black	Pirataria	02
3 ^a (2010)	Legalização	Anistia I	02
4 ^a (2011)	Lei Seca Trilogia da Terra I: morrendo pela natureza Trilogia da Terra II: vivendo na natureza	Trilogia da Terra III: o futuro da natureza Anistia II Homofobia: parte I	06
5 ^a (2012)	Papel social da imprensa		01
6 ^a (2013)	Pedofilia		01
7 ^a (2014)	Somos racistas? Cultura Urbana SP	Sem hipocrisia De pai para filho	04
			20

No que se refere à temática “Questões sociais”, podemos observar que o programa dá destaque principalmente a temas relacionados à violência e à sua solução e a temas polêmicos, que geram discussões na sociedade.

Na temática intitulada “Grupos Sociais”, o programa deu destaque para grupos que sofrem preconceitos de várias ordens. No episódio intitulado *GLBT*, mostrou-se um panorama do universo dos gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros em conversas com representantes de organizações que lutam pelos direitos desses grupos sociais; no episódio intitulado *Homofobia: parte II*, em uma conversa com duas travestis, mostrou-se como a homofobia afeta o cotidiano de quem sofre com a discriminação da sociedade; por fim, o episódio *Poder* retratou como as mulheres estão conseguindo cada vez mais superar os preconceitos, como estão conquistando seu espaço na sociedade e como estão exercendo seu poder sobre ela. Em relação aos grupos de profissionais apresentados, o *Conexões Urbanas* mostrou o trabalho de músicos em três episódios: o episódio *O Rappa* apresentou os primeiros shows da banda e sua trajetória até a atualidade, além de mostrar como é admirada por classes sociais diferentes e como é capaz de conquistá-las cada vez mais; o episódio *Gospel* mostrou cantores e produtores desse gênero musical, que relataram suas trajetórias pessoais e profissionais e falaram sobre como a cultura evangélica é capaz de atrair cada vez mais fiéis e de conseguir quebrar preconceitos no Brasil; o episódio *Cronistas musicais* tematizou, em entrevistas com cantores de diversos gêneros musicais, o trabalho de letristas, compositores e artistas que utilizam a música para criar crônicas sobre o cotidiano. Outros episódios tematizaram grupos profissionais: *Socorristas*, no qual foram mostrados os treinamentos desses profissionais e os atendimentos médicos às vítimas de acidentes

no Rio de Janeiro; *O que sobrou do céu*, no qual JJ entrevistou policiais que sofreram ataques ou assaltos que os deixaram deficientes físicos, e também especialistas sobre a violência e a guerra urbanas; e *Jornalismo em área de conflito*, no qual foram mostradas as histórias e as motivações de alguns jornalistas, de jornais brasileiros e também de jornais estrangeiros, que fazem reportagens em áreas de conflito. Finalmente, outros grupos explorados pelo programa foram: o dos bandidos, no episódio *Conflitos II – Bandidos*, que apresentou o mundo do narcotráfico e das armas, a partir do ponto de vista dos bandidos e dos traficantes; e o dos integrantes de gangues da América Central, no episódio *Maras*, que mostrou a visão dos líderes dessas gangues e dos “mareros”, os jovens que lutam por território. O programa dedicou ainda dois episódios para tratar de grupos marginalizados socialmente. Em *À margem 1* e *À margem 2*, o programa deu a voz aos pichadores, aos baloeiros e aos participantes de torcidas organizadas, os quais falaram sobre o que pensam da sociedade e como reagem ao que ela diz sobre eles. Por fim, os grupos de tatuadores e tatuados ganharam destaque no episódio *Tatuagem*, no qual falaram sobre o crescimento do mercado, sobre os tabus que envolvem essa arte e ainda sobre o preconceito sofrido por quem usa o corpo como forma de expressão pessoal. A Tabela 6 contém os títulos dos episódios que trataram de grupos sociais.

Tabela 6: Temática “Grupos Sociais”

Temporada/Ano	Grupos sociais	Total
1 ^a (2008)	GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e travestis)	01
2 ^a (2009)	Conflitos II: Bandidos Jornalismo em área de conflito (jornalistas)	02
3 ^a (2009)	Maras (gangues da América Central)	01
4 ^a (2010)	Homofobia: parte II (travestis) Gospel (cantores e produtores) Poder (mulheres)	03
5 ^a (2011)	À margem I (pichadores, torcidas organizadas e baloeiros) À margem II (pichadores e torcidas organizadas) Tatuagem (tatuadores e tatuados)	03
6 ^a (2012)	O Rappa (músicos) Socorristas (médicos)	02
7 ^a (2013)	O que sobrou do céu (policiais) Cronistas musicais (músicos)	02
		14

Como vimos, o *Conexões Urbanas* enfocou, de forma contínua e regularmente distribuída em suas sete temporadas, grupos sociais, especialmente aqueles estigmatizados socialmente, como é o caso dos grupos que sofrem preconceito de gênero e os sujeitos que integram outros grupos tais como: os baloeiros, os bandidos,

os pichadores, os torcedores organizados, os participantes de gangues, os ex-detentos e os tatuados.

O programa *Conexões Urbanas* também se destaca em sua trajetória por fazer reportagens sobre lugares de tensão social. Ao longo das temporadas, é possível observar oito episódios com essa temática. Cabe destacar, em primeiro lugar, os episódios que tratam especificamente de fronteiras entre o Brasil e outros países da América do Sul. A série de episódios *Fronteiras: o epicentro dos problemas, Brasil X Colômbia: igualdades e diferenças* e *Sem fiscalização, sem segurança* trataram dessa temática. Nesses episódios, José Junior e sua produção foram para o “epicentro” de problemas sociais associados ao tráfico e ao contrabando: as fronteiras entre Brasil e países como Paraguai, Colômbia, Peru e Bolívia. Dois episódios trataram de lugares fora do Brasil: *Darfur* e *Medellín*. No caso do primeiro episódio, tematizou-se a guerra civil e o genocídio que ocorrem na região de Darfur, no Sudão, desde 2003. No caso de *Medellín*, JJ fez uma reportagem sobre a situação do novo aumento na criminalidade em Medellín, na Colômbia. Os episódios que tratam de lugares de tensão social no Brasil são intitulados *Complexo*, *Ranking da violência* e *Restinga*. No primeiro episódio, os próprios moradores do Complexo do Alemão foram entrevistados e discutiram sobre o passado e o presente da comunidade. No episódio *Ranking da violência*, tematizou-se o fato de cidades da Bahia e de Alagoas serem campeãs no índice de homicídio por arma de fogo do país. No terceiro episódio, foram mostrados projetos sociais desenvolvidos na maior favela do Rio Grande do Sul, tendo sido entrevistados moradores e ex-moradores da favela sobre questões relativas à violência e à falta de infraestrutura no local. Abaixo, segue a Tabela 7, com os episódios da temática “Lugares de tensão social”:

Tabela 7: Temática “Lugares de tensão social”

Temporada/Ano	Lugares de tensão social	Total
1ª (2008)	-	00
2ª (2009)	Darfur	01
3ª (2010)	Complexo Medellín	02
4ª (2011)	-	00
5ª (2012)	Fronteiras: o epicentro dos problemas Brasil x Colômbia: igualdades e diferenças Sem fiscalização, sem segurança Restinga	04
6ª (2013)	-	00
7ª (2014)	Ranking da violência	01
		08

Apresentamos, a seguir, dois gráficos que ilustram a distribuição da totalidade das temáticas dos 111 episódios (Gráfico 1) e a organização dessas temáticas em cada temporada do programa (Gráfico 2).

Gráfico 1: Temáticas de todos os episódios do programa *Conexões Urbanas*

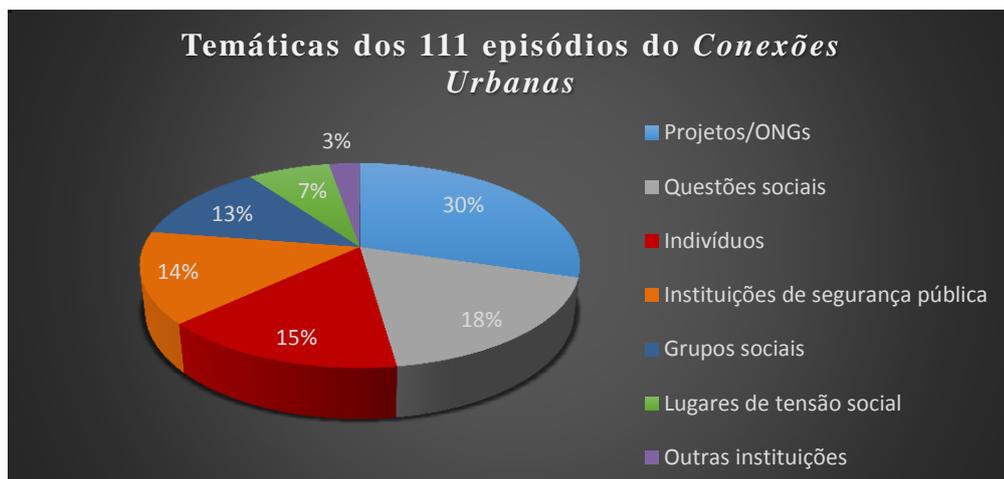
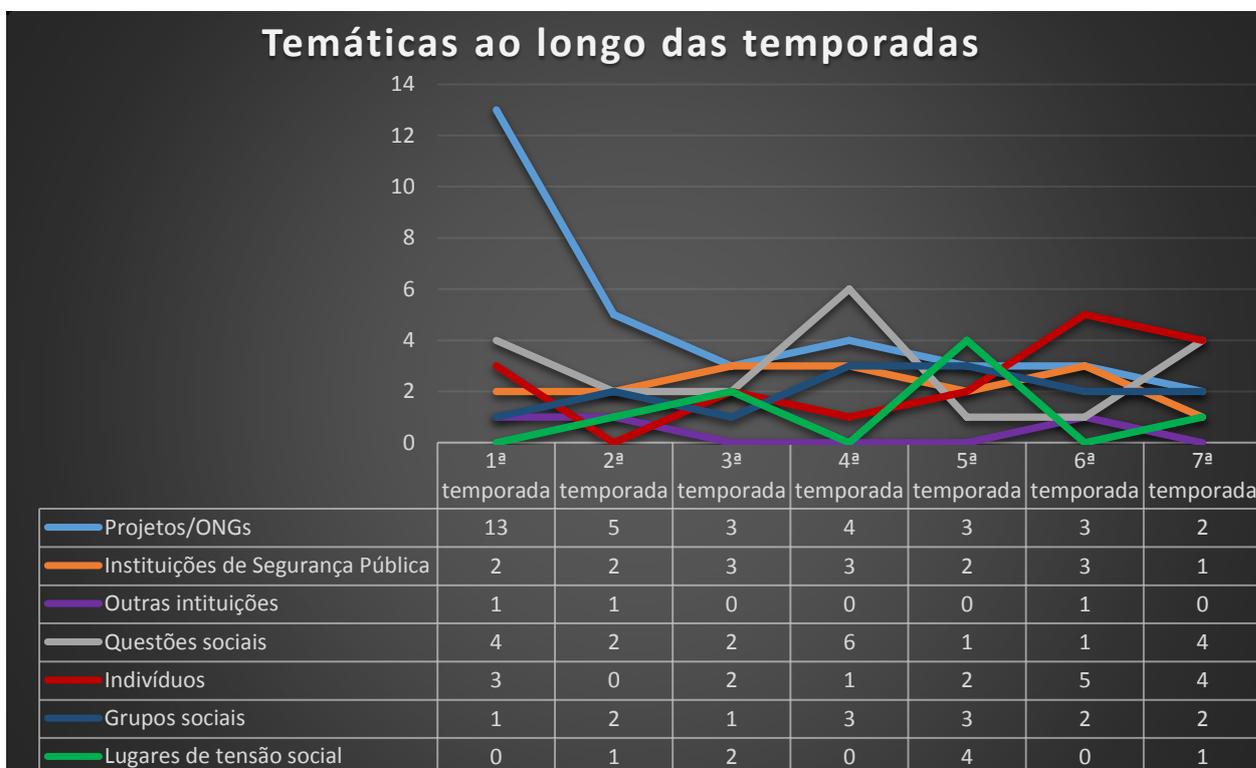


Gráfico 2: Trajetória das temáticas ao longo das sete temporadas do programa



A partir da observação do Gráfico 1, podemos perceber que quase um terço dos episódios se dedicou a apresentar a temática “Projetos/ONGs”. Observa-se também que as temáticas “Questões Sociais”, “Indivíduos”, “Instituições de Segurança

Pública” e “Grupos Sociais” apresentam porcentagens muito semelhantes de episódios. Ainda a partir desse gráfico, podemos constatar que as instituições foram as mais tematizadas nas sete temporadas do *Conexões Urbanas*, pois, se considerarmos que “Projetos/ONGs”, “Instituições de Segurança Pública” e “Outras Instituições” tematizaram instituições dos mais variados tipos, podemos afirmar que elas foram o grande destaque do programa ao longo de seus sete anos, representando, no total, quase metade do total de episódios exibidos. Apesar de os programas que tratam da temática “Lugares de Tensão Social” não serem tão numerosos quanto os que integram as outras temáticas, eles são significativos (i) pela presença de uma continuidade temática entre os episódios *Fronteiras*, *Brasil X Colômbia* e *Sem fiscalização, sem segurança* e (ii) pelo fato de todos os episódios destacarem conflitos e violência (guerra, criminalidade, tráfico de drogas, contrabando) em áreas que sofrem com problemas econômicos e sociais.

No Gráfico 2, podemos observar o movimento de mudança que as temáticas sofreram ao longo das temporadas do *Conexões Urbanas*. No início de sua exibição, o que engloba a primeira e segunda temporadas, fica clara a grande ocorrência de episódios que tematizam projetos sociais em detrimento de todas as outras temáticas abordadas.

É importante destacar que na última temporada exibida, as temáticas de maior destaque foram “Indivíduos” e “Questões Sociais”, as quais estiveram presentes em 4 episódios cada uma, totalizando 8 de 14 episódios. “Projetos/ONGs” e “Grupos sociais” foram tematizados em 2 episódios cada uma, e “Instituições de Segurança Pública” e “Lugares de tensão social” foram tematizados em apenas 1 episódio cada uma.

Apesar de verificarmos uma grande mudança em termos das temáticas selecionadas entre a primeira e a última temporada, especialmente em relação a “Projetos/ONGs”, que perde o estatuto de temática mais privilegiada (presente em 30% do total de programas), é possível dizer que essa mudança começa a acontecer a partir da terceira temporada, quando o conjunto de temáticas veiculadas passou a aparecer de forma mais distribuída. O fato de a temática “Projetos/ONGs” ter sido a mais presente na primeira temporada conferiu ao programa a identidade objetivada por seus idealizadores, a saber, a de um programa jornalístico televisivo que dá visibilidade e que confere legitimidade a ações sociais que minimizem a desigualdade social e a ações empreendedoras. Essa estratégia de natureza textual-discursiva

evidencia o afastamento do *Conexões Urbanas* de outras produções televisivas jornalísticas, caracterizadas pela seleção de conteúdos pautada principalmente pela busca de temas de natureza “sensacional” e/ou “espetacular” (BOURDIEU, 1997).

2. CONEXÕES URBANAS: TÍTULOS COMO ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO

Na seção anterior, buscamos fazer um levantamento da configuração temática do programa *Conexões Urbanas*. Nesta segunda seção, nosso propósito é o de, em primeiro lugar, procurar relacionar as estratégias de introdução de referentes ao regime simbólico das temáticas estabelecidas por meio da análise do título de cada episódio; em segundo lugar, buscamos analisar o uso de outros recursos linguístico-discursivos para a atribuição de títulos ao programa. O primeiro foco da análise são as estratégias de referenciação responsáveis pela ativação/introdução de referentes nos títulos do programa.

Segundo Koch (2002: 83), a ativação de referentes é o processo “pelo qual um referente textual até então não mencionado é introduzido, passando a preencher um nóculo (“endereço” cognitivo, locação) na rede conceptual do modelo de mundo textual”. Assumimos aqui a noção de referência como “o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial: as entidades designadas são vistas como *objetos-de-discurso* e não como *objetos-do-mundo*” (KOCH, 2002: 83). Nesse sentido, os referentes são construídos no discurso, por exemplo, por meio da seleção da forma linguística e/ou da mobilização de um contexto temático no qual são introduzidos.

Segundo Van Dijk (1992: 134), os títulos têm a função de expressar o conteúdo temático de um texto e também de orientar, em certa medida, a leitura, pois são usados “para exprimir ou inferir o tema ou tópico do texto”, sendo responsáveis, então, por iniciar o complexo processo de compreensão. Nesse sentido, os títulos têm relações bastante evidentes com a temática do texto. Ainda segundo o autor, esse componente importante do texto começa a estabelecer o modelo de contexto comunicativo que envolve interesses, objetivos e crenças do produtor e do leitor, assim como a sua proposição ativa os esquemas pertinentes ao tema que anuncia. Nas duas figuras a seguir, podemos observar como os títulos fazem parte da primeira imagem dos episódios do programa *Conexões Urbanas*:



Figura 1: Introdução do título no episódio *Revolucionários*

Figura 2: Introdução do título no episódio *A polícia que queremos*

No primeiro caso, o título é elaborado a partir de uma expressão nominal constituída unicamente do nome-núcleo *revolucionários*. Esse tipo de introdução de referente, por meio de expressão nominal constituída apenas do nome-núcleo, é uma das estratégias mais comuns na elaboração de títulos – há 19 títulos constituídos dessa forma. No segundo caso, observamos a introdução de uma expressão nominal definida constituída do determinante *a*, do nome-núcleo *polícia* e do modificador (oração relativa *que queremos*). De forma geral, a estratégia de introdução de referente por meio de expressão nominal é a mais comum na elaboração dos títulos dos episódios.

A partir de agora, iremos defender a postulação de que a grande maioria dos títulos dos programas ou referem-se a determinados atores sociais ou ainda evocam atores sociais de forma a ancorar os projetos temáticos do programa e a fornecer pistas sobre os possíveis modos de construção dos sentidos sociais para os referentes/temas ativados. Isso ocorre em função da execução de um determinado projeto temático embasada em um cálculo em relação ao tipo de audiência que se quer conquistar e manter. Nesse sentido, acreditamos que a audiência do programa tanto é informada por ele como também compartilha com seus produtores um conjunto grande de conhecimentos sobre as dinâmicas da sociedade brasileira.

Em relação à introdução de uma (ou mais) entidade(s) por meio do título, pudemos observar três tipos de estratégias utilizadas: a introdução de referente por meio de nomes (próprios, de pessoas e lugares, ou nomes de instituições, projetos/ONGs ou outros), de siglas e por meio de expressão nominal (simples ou coordenada), sendo que a expressão nominal é a mais usada no total de títulos analisados. Na Tabela 8, constam as estratégias de introdução de referentes mobilizadas nos títulos dos episódios:

Tabela 8: Estratégias de introdução de referentes por nomes próprios ou nomes de instituições, projetos/ONGs e outros

Temporada	Nomes próprios (antropônimos e topônimos)	Nomes de Instituições, Projetos Sociais/ONGs e outros
1 ^a temporada	1. Pastor Marcos 2. Índia	1. Liberta Moda 2. Bangunção 3. Casa do Zezinho 4. Talavera Bruce 5. Rede Cultural Beija-Flor 6. Ação comunitária 7. Banco Palmas
2 ^a temporada	3. Darfur	8. Nós do morro 9. 5x Favela 10. Empregabilidade 11. Flaskô
3 ^a temporada	4. Tião Rocha 5. Medellín 6. Complexo	12. Saúde e Alegria 13. Veneno e Antídoto 14. Cidade Bangu I
4 ^a temporada	-	15. Carreta da Saúde
5 ^a temporada	7. Restinga	16. Fora do eixo 17. Luta pela paz 18. Presídio Central
6 ^a temporada	8. Rafaella 9. Faustini	19. O Rappa
7 ^a temporada	10. São Jorge	20. Gerando Falcões

No caso dos usos de nomes próprios (antropônimos e topônimos), ressaltamos, em primeiro lugar, que os nomes próprios de pessoas aparecem principalmente nos títulos dos episódios sobre “Indivíduos” e “Projetos Sociais/ONGs” que destacam, então, os indivíduos ou os coordenadores dos projetos tematizados. Os títulos constituídos de nomes próprios de pessoas (antropônimos) são *Faustini*, *Tião Rocha* e *Rafaella*. Há títulos que se compõem do nome próprio antecedido de um modificador, como é o caso de *Pastor Marcos* e *São Jorge*. No caso desses últimos, além de identificarem os indivíduos tematizados no programa, dão pistas, a partir dos modificadores (“Pastor”; “São” – redução de santo), sobre a sua inserção no campo semântico da religião. De modo geral, pode-se dizer que os nomes próprios que dão títulos aos episódios sobre indivíduos ou sobre projetos sociais destacam tais indivíduos por introduzirem “termos singulares” que os identificam e destacam sua singularidade. Também podemos dizer que tais indivíduos são legitimados no programa pelo fato de serem inseridos no campo jornalístico²⁰ como tema de um programa de reportagens e também por terem seu nome focalizado no título desse programa. No caso dos indivíduos que têm seu nome focalizado no título,

²⁰ Bourdieu (1997), a propósito, descreve o mundo do jornalismo como um microcosmo provido de leis próprias e definido por sua relação de aproximação ou distanciamento com outros microcosmos. Apesar dessa autonomia, o autor ressalta que o campo jornalístico “está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência”; e também é “muito mais dependente das forças externas que todos os outros campos de produção cultural” (p. 76), visto que suas produções pretendem ter como objeto os eventos, as informações e as tendências dos demais campos.

observamos que há aqueles que se destacam pelo ativismo social, caso de *Faustini*, *Tião Rocha* e *Pastor Marcos*, e há o título *Rafaella*, que destaca o nome de um indivíduo que luta contra o preconceito de gênero porque pertence a um grupo social estigmatizado, o de transexuais.

Quanto aos nomes de lugares (topônimos), observamos que eles aparecem principalmente nos títulos dos episódios sobre “Projetos /ONGs” e sobre “Lugares de tensão social”, destacando, assim, os locais onde os projetos são desenvolvidos ou os locais que o programa seleciona para tratar de certas tensões sociais. Esses lugares, como dissemos anteriormente, são comunidades periféricas – caso de *Restinga* e *Complexo* (do Alemão); cidade que vive problemas relacionados à violência social – caso de *Medellín*; região que vive um conflito armado – caso de *Darfur*; e por fim, país asiático que vive problemas sociais graves, principalmente relacionados à desigualdade social e de gênero – caso de *Índia*. A partir dos títulos que introduzem esses nomes de lugares, podem ser ativados determinados modelos de contexto²¹ nos quais estão pressupostos alguns atores sociais, tais como moradores de comunidades periféricas brasileiras (*Restinga e Complexo*) e traficantes de drogas (*Medellín*). No caso de *Darfur* e *Índia*, os atores sociais só podem ser acessados no próprio contexto do episódio.

Ao focar as instituições de segurança pública no Brasil por meio de seus nomes oficiais, o programa dá visibilidade às instituições (como as polícias – militar e civil, os presídios e o Exército) e também evoca, por meio da ativação de determinados modelos de contexto, alguns atores sociais, tais como policiais, autoridades policiais e de segurança pública, detentos.

Ao longo dos sete anos de programa, apenas uma instituição financeira foi enfocada: o *Banco Palmas*. Ao intitular o episódio com o nome do banco, o programa

²¹ Van Dijk (2012) afirma que só é possível pensar a relação entre texto e contexto a partir de modelos de contexto. O contexto, então, é definido pelo autor “como representações das próprias situações comunicativas feitas subjetivamente pelos participantes, e não como as situações comunicativas enquanto tais” (p. 34). Sendo os contextos, então, construtos sociocognitivos, “não é a situação que influencia o discurso (ou é influenciado por ele) mas a maneira como os participantes definem essa situação” (p. 11). Nesse sentido, os traços contextuais – os participantes e suas características, o cenário, as ações verbais e não-verbais, o conhecimento e a intencionalidade – vão ser mais ou menos relevantes de acordo com a situação ou com o momento da situação. Isso não significa dizer, porém, que os contextos não têm bases sociais, visto que, apesar de serem definições únicas e subjetivas das situações comunicativas, “sua estrutura e sua construção têm obviamente uma base social, por exemplo, em termos das *cognições sociais* compartilhadas (conhecimentos, atitudes, ideologias, gramática, regras, normas e valores) de uma comunidade discursiva” (p. 36). Essa concepção de contexto, elaborada a partir de uma perspectiva sociocognitiva, diz respeito a um só tempo ao enquadramento social e ideológico mais amplo dos falantes, bem como à situação interacional imediata na qual se encontram.

o promove como uma marca, que pode passar a ser mais conhecida pelo público em geral. É possível dizer que esse título evoca pelo menos dois atores sociais: os funcionários/trabalhadores do banco e os seus clientes. O cotexto irá especificar melhor as características desses dois atores sociais e também justificar a presença dessa instituição no projeto temático do programa. O título *Flaskô* não evoca nenhum ator social específico.

Quanto aos episódios sobre a temática “Projetos/ONGs”, é interessante destacar que uma parte significativa dos seus títulos é constituída pelos próprios nomes dos projetos que são apresentados no programa. A maioria dos títulos com nomes de projetos, como é o caso dos programas *Liberta Moda*, *Saúde e Alegria*, *Nós do Morro*, *5x Favela* e *Empregabilidade*, pode sinalizar ou a área de atuação dos projetos (moda, saúde, trabalho formal) e/ou os atores sociais envolvidos (detentos, estilistas, profissionais da saúde, moradores de favela, desempregados) nos projetos. No caso de *Bagunçaço*, *Casa do Zezinho*, *Ação comunitária*, *Rede Cultural Beija-Flor* e *Veneno e Antídoto*, os atores sociais só podem ser acessados no próprio cotexto de cada episódio. É importante salientar também que, ao se tematizar determinados projetos e, além disso, ao se inserir o nome deles como título do episódio, o programa, além de conferir-lhes visibilidade, também os legitima. Isso porque a televisão é concebida por Bourdieu (1997) como um meio de comunicação que confere legitimação a outros campos sociais. Nesse caso, legitimam-se iniciativas da sociedade civil – projetos sociais e organizações não-governamentais – que propõem ações sociais de diversas ordens.

No caso das siglas, podemos observar na Tabela 9 que elas são introduzidas principalmente nos títulos dos episódios que tratam de instituições, sejam elas os projetos ou ONGs (caso de OELA), as instituições policiais (caso de COE e CORE) ou outras instituições (caso de INCA).

Tabela 9: Estratégias de introdução de referentes por siglas

Temporada	Siglas
1ª temporada	1. GLBT
4ª temporada	2. OELA
6ª temporada	3. COE 4. CORE 5. INCA

O uso de siglas que abreviam nomes de instituições ou grupos sociais (no caso de *GLBT*) nos títulos dos episódios parece indicar que o programa procura

referendar o modo como as instituições ou grupos são mais conhecidos, dando visibilidade e, ao mesmo tempo, produzindo um reforço a esse modo de identificação. No caso específico de GLBT, a sigla remete a atores sociais específicos, a saber, gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros. OEELA é uma oficina escola e, portanto, evoca atores sociais específicos, tais como professores e alunos. As siglas COE e CORE referem a organizações das Polícias Militar e Civil do Rio de Janeiro, que evocam os policiais e as autoridades policiais como atores sociais.

Trataremos agora de títulos que são estruturados por meio de expressões nominais. Vejamos a Tabela 10 com esses títulos e a classificação feita dessas expressões:

Tabela 10: Estratégias de introdução de referentes por expressões nominais que referem a ou evocam atores sociais

Temporadas	Expressões nominais que referem a atores sociais	Expressões nominais que evocam atores sociais por meio de associação lexical	Expressões nominais que evocam atores sociais a partir de modelos de contexto	Expressões nominais que não referem nem evocam atores sociais
1 ^a temporada	1. Mulher 2. Revolucionários	1. Prostituição 2. Empreendedorismo	1. Segurança 2. Óleo reciclado 3. Responsabilidade social 4. Tambor social 5. Violência e prevenção 6. O poder da arte 7. Lombra e consciência 8. A polícia que queremos 9. Saúde	1. O caminho do coração
2 ^a temporada	-	3. Circo social 4. Jornalismo em área de conflito	10. Pacificação 11. Conflitos I: Polícia 12. Conflitos II: bandidos 13. Pirataria 14. Fashion Black	2. Porrada social
3 ^a temporada		5. Anistia	15. Legalização 16. Pixote e a vendedora de Rosas 17. Maras 18. Cidade Bangu II: chapa quente 19. Cidade Bangu III: papo de futuro 20. Celso Athayde: o cara do momento	-
4 ^a temporada	3. O frei atrevido	6. Homofobia: parte I 7. Homofobia: parte II 8. Anistia II	21. Lei Seca 22. Comandos 23. O papel social do artista 24. Operação Amazônia 25. Exército na rua 26. Gospel	3. Poder

Temporadas	Expressões nominais que referem a atores sociais	Expressões nominais que evocam atores sociais por meio de associação lexical	Expressões nominais que evocam atores sociais a partir de modelos de contexto	Expressões nominais que não referem nem evocam atores sociais
			27. Dossiê Reimão 28. Trilogia da Terra: o futuro da natureza	
5 ^a temporada	4. O homem por trás do martelo	9. Tatuagem	29. Operação contra o contrabando 30. Papel social da imprensa 31. Fronteiras: o epicentro dos problemas 32. Brasil x Colômbia: igualdades e diferenças	4. Escudeiros da luz
6 ^a temporada	5. Socorristas	10. Capoeira 11. Pedofilia	33. Alcatraz Mineiro	5. Verdadeiros ídolos 6. Causa 7. Efeito
7 ^a temporada	6. Cronistas musicais	12. Down em movimento	34. Ranking da violência 35. O Niemeyer que salva vidas 36. Cultura Urbana SP	

Na Tabela 10, os títulos dos episódios estão separados conforme o tipo de estratégia de introdução de referente usada: (i) expressão nominal que refere a atores sociais, (ii) expressão nominal que evoca atores sociais por meio de associação lexical; (iii) expressão nominal que evoca atores sociais a partir de modelos de contexto. A nosso ver, a evocação de determinados atores sociais por meio da expressão nominal exige estratégias sociocognitivas fundadas em diversos tipos de conhecimento que são mobilizados por modelos de contexto.

No caso das expressões nominais introdutoras de referente, assumimos, a partir da observação dos títulos dos episódios, que há aquelas que referem mais explicitamente a atores sociais, como é o caso dos títulos *Mulher* e *O frei atrevido*. O título por meio da expressão nominal *Mulher* destaca o grupo social que será tematizado. Já o episódio *O frei atrevido* tematiza o trabalho de uma ONG coordenada pelo Frei David, categorizado no título como *frei atrevido*. Nesse caso, além de destacar o indivíduo sobre o qual se desenvolverá o tema do episódio, a expressão referencial categoriza o ator social, qualificando-o como *atrevido*, dando pistas não apenas sobre o tema como também sobre a perspectiva a partir da qual se desenvolverá o programa.

Há também expressões nominais que não se referem a atores sociais de maneira direta, mas evocam atores sociais por meio de associação lexical e/ou por

meio de modelos de contexto ativados por item lexical. A evocação de atores sociais por meio da expressão nominal exige estratégias cognitivas fundadas em conhecimentos semânticos armazenados no léxico. Um exemplo é o título *Prostituição* que, além de introduzir um referente que ativa uma série de conhecimentos e um conjunto de expectativas sobre o tema por parte dos telespectadores, também se associa lexicalmente a um ator social, *as prostitutas*. Assim também acontece com as outras expressões nominais: empreendedorismo > empreendedores; circo social > artistas circenses; jornalismo > jornalistas; anistia > anistiados; homofobia > homofóbicos; tatuagem > tatuadores; pedofilia > pedófilos; capoeira > capoeiristas; Down > portadores da síndrome de Down.

No caso das expressões nominais que evocam atores sociais por meio de modelos de contexto, não temos a pretensão de exibir uma análise pormenorizada de todas as expressões listadas (um total de 36 expressões no universo de 61 títulos de episódios que se utilizam de estratégias referenciais centradas nessas expressões nominais, conforme veremos mais adiante). Interessa-nos discutir alguns aspectos que possam estabelecer relações entre o projeto temático do programa, seus temas específicos e as estratégias de referenciação mobilizadas nos títulos dos episódios. É possível afirmar que dar títulos aos episódios por meio de expressões nominais está relacionado mais a determinadas temáticas do programa do que a outras. Por exemplo, as expressões nominais que apenas evocam atores sociais por meio da ativação de modelos de contexto referem mais à temática “Questões sociais” (12 expressões de um total de 36). Podemos dizer que quanto mais amplas as temáticas, menos preferível será o uso de expressões nominais que estabeleçam processos de identificação ou de evocação por associação lexical.

A temática “Instituições de Segurança Pública” é a segunda temática mais referida por meio de expressões nominais que evocam atores sociais por meio da ativação de modelos de contexto (10 expressões de um total de 36). A nosso ver, um dos projetos temáticos do programa, dar voz à polícia (especialmente à polícia carioca) a partir principalmente de uma visão “de dentro” (ver Gráfico 1), está relacionado ao uso dessa estratégia. De forma a alternar as estratégias de referenciação relacionadas à temática “Instituições de Segurança Pública”, os títulos são construídos por meio de diferentes estratégias (nomes próprios (3), siglas (2), expressões nominais (10), proposição (1)), sendo que há uma clara predominância de expressões nominais em detrimento do nome das instituições ou de siglas. Ainda em

relação à temática “Instituições de Segurança Pública”, além da variedade de estratégias de referenciação mobilizadas, há também três questões discursivas interessantes e que podem ser observadas nos títulos de outras temáticas:

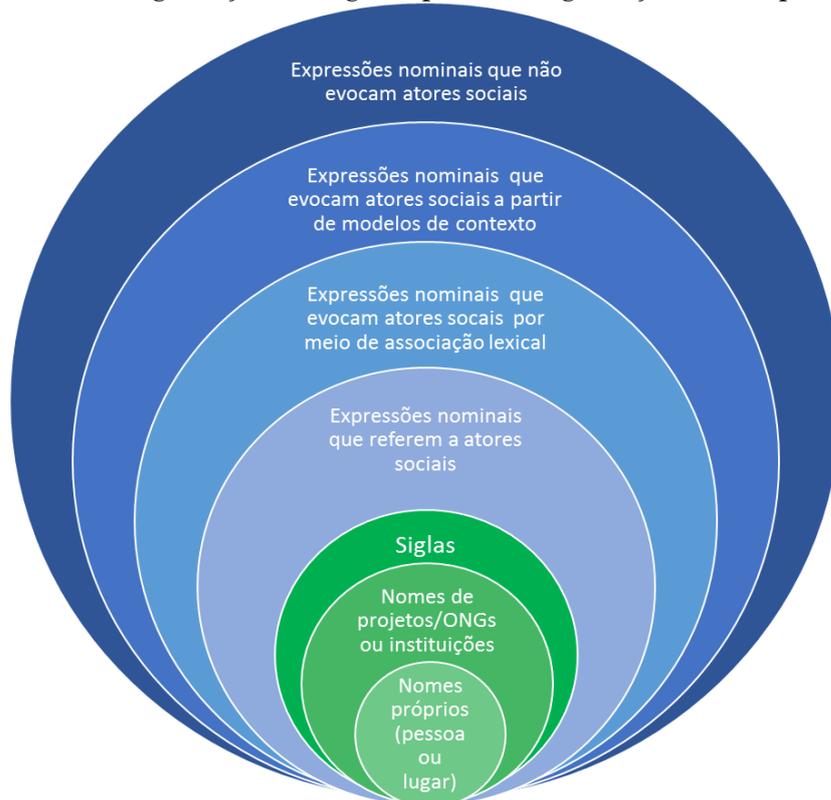
- (i) o uso de expressões de caráter metafórico – o caso de *Alcatraz mineiro*, título no qual se usa o nome de outra instituição (Alcatraz), seguida de um modificador (mineiro), evocando os mesmos atores sociais (policiais, autoridades policiais e detentos) da instituição Alcatraz, mas evocando também pelo menos uma informação implícita, por meio da ativação de modelos de contexto: a característica de esse presídio ser de segurança máxima, tal como era Alcatraz;
- (ii) o uso de expressões que se configuram como uma legitimação de um certo modo de nomeação de ações sociais – o caso de *Pacificação e Exército nas ruas*, expressões que evocam atores sociais a partir de modelos de contexto ligados aos modos oficiais de se conceber os processos que envolvem a entrada do Estado nas favelas cariocas;
- (iii) a presença de expressões coordenadas em que o segundo membro opera uma recategorização²² do primeiro membro da expressão (movimento anafórico); é o caso de *Celso Athayde: o cara do momento*, *Cidade Bangu II: chapa quente e Cidade Bangu III: papo de futuro (problemas do sistema penitenciário e também algumas ações de ressocialização a partir do ponto de vista dos presidiários)*; *Fronteiras: o epicentro dos problemas (um tipo de visão sobre as fronteiras)*; *Brasil X Colômbia: igualdade e diferenças (um tipo de visão sobre as relações entre os dois países)*.
- (iv) a presença de expressões coordenadas em que o segundo membro especifica o primeiro (movimento catafórico); é o caso de *Conflitos I: Polícia (conflitos vistos a partir da visão da polícia)*; *Conflitos II: bandidos (conflitos a partir da visão dos bandidos)*. Ambas as operações de recategorização são sinalizadas pelo sinal gráfico de dois pontos.

Por fim, há expressões nominais que não evocam atores sociais. No caso das expressões *Causa*, *Efeito* e *Poder*, por seu caráter muito genérico, elas não ativam modelos de contextos específicos. Em relação às expressões referenciais *O caminho*

²² Segundo Koch (2002), dentro do esquema de ativação e reativação de referentes em um texto, os elementos textuais já existentes podem ser constantemente modificados ou expandidos. Esse processo de modificação ou acréscimo de aspectos ao objeto de discurso se denomina recategorização.

do coração, *Escudeiros da luz* e *Porrada social*, observa-se que, em decorrência da sua natureza metafórica, não é possível a evocação de nenhum ator social específico. Abaixo, segue a Figura 3, que resume os tipos de expressões nominiais presentes nos títulos dos episódios:

Figura 3: Gradação do uso das expressões nominiais na introdução de referentes nos títulos dos episódios: das categorizações mais gerais para as categorizações mais específicas



A partir de agora, vamos mostrar outros recursos mobilizados nos títulos dos episódios. Como podemos perceber na tabela 11, apresentada abaixo, 15 títulos dos 111 episódios constituem-se ou de atos de pregação (sem que esses títulos sejam nomes de projetos, por exemplo, como é o caso de “Gerando Falcões”) ou de proposições inteiras. Apesar de não ser frequente nas primeiras temporadas, essas estratégias de elaboração dos títulos dos episódios começam a aparecer a partir da 4ª temporada.

Tabela 11: Estratégias de pregação por meio dos títulos

Temporada	Atos de pregação por meio de títulos	Atos de referência e pregação por meio de títulos
4 ^a	--	1. Trilogia da Terra I: vivendo na natureza 2. Trilogia da Terra II: morrendo pela natureza
5 ^a	1. Sem fiscalização, sem segurança 2. À margem 3. À margem 2	3. Eles fazem a diferença
6 ^a	4. Erga-se 5. Radicalizando	--
7 ^a	6. Vá e vença 7. Sem hipocrisia 8. De pai para filho 9. Atrás do sonho	10. Bandido tem jeito? 11. O que sobrou do céu 12. Somos racistas?

Os títulos na Tabela 11 constituem-se em estratégias que não são observadas, como já dissemos acima, na elaboração da grande maioria dos títulos dos episódios do programa. Os títulos estruturados por verbos no imperativo, como é o caso de *Erga-se* e *Vá e vença*, que integram a temática “Indivíduos”, indiciam uma mudança: o estabelecimento de referências dêiticas, porque “fazem apelo ao ponto de origem em que se situa o falante, ou o co-enunciador” (CAVALCANTE, 2005: 126). Assim, esses títulos indiciam uma mudança não apenas no tipo de referência estabelecida, mas também no tipo de interação do programa com sua audiência, dado que permitem a interpelação direta do telespectador para que aja conforme agem os atores sociais que são tematizados nos episódios. Outra mudança importante é o aparecimento de referências de caráter anafórico na sétima temporada, com os títulos *O que sobrou do céu* e *Eles fazem a diferença*.

Faremos ainda uma comparação entre a 1^a e a 7^a temporada dos títulos dos episódios do programa *Conexões Urbanas* com o objetivo de verificar possíveis mudanças na elaboração dessa forma de iniciar o episódio. Conforme já ressaltamos anteriormente, é notório que a 7^a temporada apresenta metade de seus títulos constituídos por estratégias que não as mais prototípicas em relação aos títulos de todas as temporadas.

Se considerarmos que uma forte mudança ocorre no programa em relação à elaboração de seus títulos, já que metade deles passa a ser constituído por meio de uma maior discursivização (pregações e proposições no lugar de nomes ou expressões nominais, ver Gráficos 3 e 4), podemos afirmar que também há uma mudança no tipo de interação estabelecida entre o programa e a audiência.

Ao formular títulos que são constituídos por determinadas ações (ação de erguer-se, de ir e vencer, de ir atrás do sonho), o programa reforça a ideia do

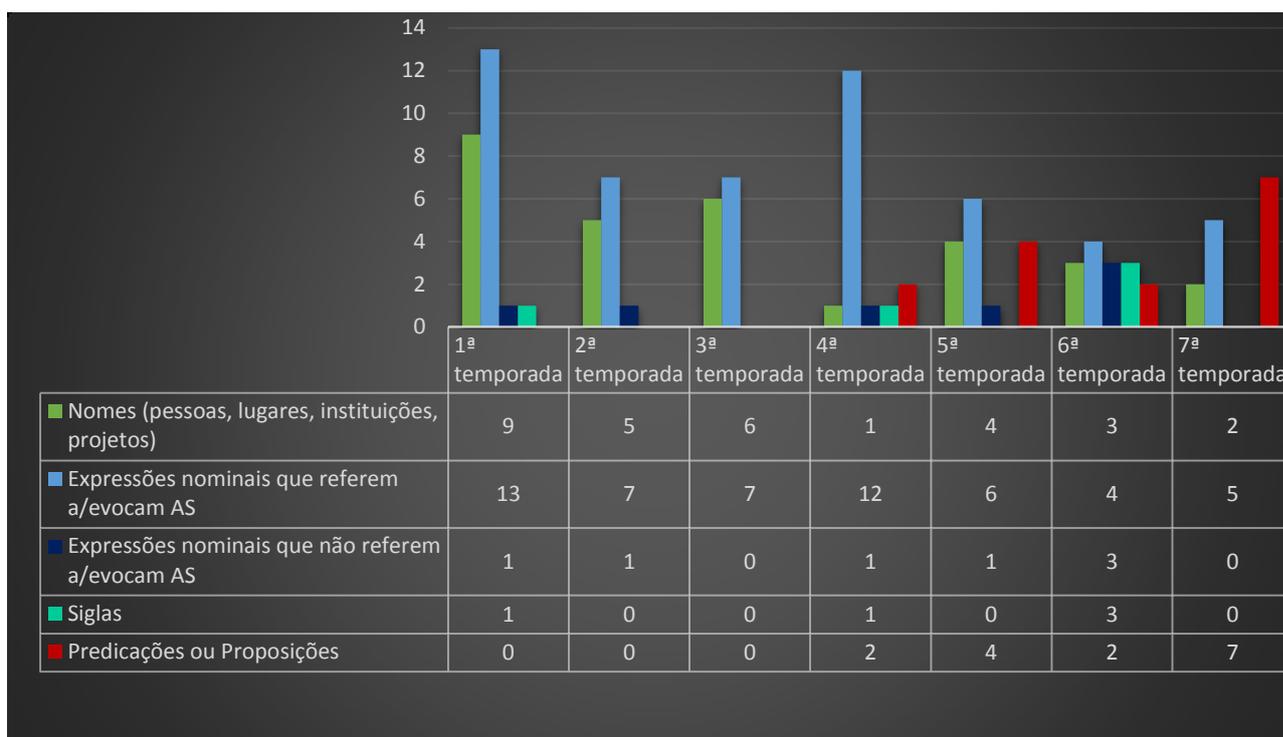
protagonismo e/ou empreendedorismo do indivíduo (seja ele o ator social tematizado no programa, sejam seus telespectadores), tematizado ao longo dos episódios. Também vale a pena chamar a atenção para os títulos por meio de perguntas que também indiciam uma relação mais direta com a audiência, questionando-a sobre determinados preconceitos ou atitudes (*Sem hipocrisia; Bandido tem jeito?; Somos racistas?*). O Gráfico 3 revela esse movimento de mudança em relação à natureza dos títulos dos episódios, considerando-se a primeira e a última temporadas.

Gráfico 3: Tipos de títulos dos episódios na 1ª e na 7ª temporadas



O Gráfico 4 mostra a distribuição de todos os tipos de estratégia de referenciação e de outros recursos para a atribuição de títulos aos programas:

Gráfico 4: Estratégia de referenciação e outros recursos para a atribuição de títulos aos programas



Os Gráficos 3 e 4 mostram a mudança que ocorreu no programa em relação ao uso de outras estratégias de atribuição de títulos, diferentes das estratégias clássicas de referenciação. Vemos que, a partir da quarta temporada, as estratégias de referenciação ficam mais variadas. Observa-se, além disso, uma queda na utilização de nomes próprios e de expressões nominais que se referem a e/ou evocam determinados atores sociais e um uso maior de expressões nominais de caráter mais genérico e de predicações e/ou proposições. Isso revela que o programa se inicia e se mantém por três temporadas consecutivas privilegiando estratégias de referenciação que singularizam, identificam e legitimam pessoas, projetos, grupos e instituições, mudando, em seguida, para uma distribuição mais equilibrada numericamente de estratégias de referenciação mais variadas, que incluem estratégias dêiticas, anafóricas e de caráter mais genérico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminar este artigo não é uma tarefa fácil porque nossa pesquisa nos levou a muitos caminhos de reflexão a serem perseguidos. Mas é imperioso que façamos algumas generalizações sobre os resultados a que chegamos. A primeira delas é a de que nossa hipótese se confirma: o projeto temático geral do programa e as principais

temáticas estão intrinsecamente relacionados com os modos pelos quais os referentes e/ou temas são introduzidos, na medida em que os atores sociais encontram-se encarnados nas próprias temáticas e também se encontram referidos ou evocados pelas estratégias referenciais, configurando de maneira peculiar a trajetória do programa no campo jornalístico.

Dizer isso significa assumir que o programa *Conexões Urbanas* pode ser considerado como uma inovação na grade do jornalismo televisivo, especialmente por sua contínua tematização de atores e/ou ações sociais que estão *à margem*, tanto enfocando “as transformações sociais bem-sucedidas no Brasil e no mundo” promovidas por esses atores e/ou ações sociais, quanto legitimando temáticas (conteúdos e pontos de vista que os organizam) sistematicamente deslegitimados pela grande mídia televisiva (FALCONE, 2008).

No entanto, o programa também se revela muito tradicional em comparação aos outros tipos de programas jornalísticos televisivos quando, por exemplo, a temática “Instituições de segurança pública” é organizada predominantemente a partir do ponto de vista oficial (do Estado), sem uma tematização mais plural, mais representativa de outros setores da sociedade. Reforçando essa direção de tradicionalidade, as análises das temáticas mostram que o programa, em sua última temporada, começa a dar mais destaque a trajetórias individuais de celebridades, atores globais e políticos, ofuscando a anterior pluralidade de atores e de ações sociais.

Tanto as mudanças temáticas como as mudanças nas estratégias de elaboração de títulos dos episódios indicam, a nosso ver, uma maior estabilização do programa na grade do Canal Multishow, o que nos leva a continuar refletindo sobre as complexas relações entre estabilização e mudança em gêneros midiáticos televisivos possibilitadas por processos de construção referencial e temática de um projeto televisivo agora reconhecido e valorizado por sua audiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ACCETTURI, Ana Cecília A. *Gêneros midiáticos em foco: analisando a organização textual-discursiva do programa televisivo Conexões Urbanas*. Relatório final de projeto de Iniciação Científica financiado pelo Pibic/CNPq.

Orientador: Anna Christina Bentes. Instituto de Estudos da Linguagem.
Campinas: UNICAMP, 2014.

2. _____. *Gêneros midiáticos e textualidade: o caso do programa Conexões Urbanas*. Monografia (Graduação em Letras). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2015.
3. BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
4. BENELLI, Silvio José. Vigiar e punir no manicômio, na prisão e no seminário católico. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 1, n. 1, 2002, p. 51-68.
5. _____. A instituição total como agência de produção de Subjetividade na sociedade disciplinar. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 21, n. 3, 2004, p. 237-252. [<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v21n3/v21n3a08.pdf>]
6. BENTES, Anna Christina. “É nós na fita”: a formação de registros e a elaboração de estilos no campo da cultura popular paulista. Projeto de Pesquisa financiado pela FAPESP. Processo 2009/083639-8. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2009.
[<http://projetonoisnafita.vl1.net2.com.br/site/pdf/projeto-e-nois-na-fita.pdf>]
7. _____. *Estabilização e inovação dos gêneros midiáticos: tópico discursivo e categorização social*. Projeto de Bolsa Produtividade de Pesquisa financiado pelo CNPq. Processo 309845/2013-0, 2013.
8. _____; FERRARI, Natália L. E agora o assunto é trabalho: organização da experiência social, categorização e produção de sentidos no programa mãos e minas. *Revista Diadorim*, v. 10, 2011, p. 75-93.
[<http://www.revistadiadorim.letas.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/view/22/6>]
9. CAVALCANTE, Mônica M. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, Ingedore G. V.; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 125-150.
10. BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
11. _____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
12. FALCONE, Karina. *(Des)legitimação: ações discursivo-cognitivas para o processo de categorização social*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. [<http://www.pgletas.com.br/2008/teses/tese-karina-falcone.pdf>]

13. FERREIRA-SILVA, Beatriz. *Referenciação e progressão tópica em uma entrevista jornalística*. Relatório do Projeto de Iniciação Científica financiado pelo Pibic/CNPq. Orientador: Anna Christina Bentes. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2011.
[<http://projetonoisnafita.vl1.net2.com.br/site/pdf/beatriz-rel-final-cnpq-pibic.pdf>]
14. GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução: D. M. Leite. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
15. GRANATO, Livia Bertolazzi. *Gêneros discursivos em foco: dos programas televisivos Manos e Minas e Altas Horas*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2011.
[<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000803766>]
16. KOCH, Ingedore G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
17. MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. . In: KOCH, Ingedore G. V.; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-103.
18. MARIANO, Rafaela D. *Marcadores discursivos e sequências textuais: uma análise das ações de textualização em programas midiáticos*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2014.
[<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000932539>]
19. MORATO, E.M. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? In: *Cadernos de Letras da UFF*, Dossiê: letras e cognição, n. 41, 2010. p. 93-113.
20. MOURA, Joana Tereza V.; SILVA, Marcelo K. Atores sociais em espaços de ampliação da democracia: as redes sociais em perspectiva. *Revista de Sociologia e Política*, v. 16, número suplementar, 2008, p. 43-54.
[<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v16so/a04v16so.pdf>]
21. TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente. Modernidade tardia e violência. In: LIMA, Renato S.; RATTON, José Luiz; AZEVEDO, Rodrigo G. *Crime, polícia e justiça no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.
22. VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.
23. _____. *Discurso e contexto*. São Paulo: Contexto, 2012.

ABSTRACT: In this article, we intend to bring a survey of thematic configuration of *Conexões Urbanas*, a Brazilian journalistic TV program, relating its thematic configuration to referring processes present in the title of each episode. The analysis shows that (i) the program throughout its seven-year of exhibition focus on specific themes (*Individuals, Social Groups, Institutions, Projects/Social Organizations, Social Issues* and *Places of Social Conflict*) and (ii) during its last season (2014/2015), the program has stabilized themes oriented to broader social issues and individual trajectories. Furthermore, our analysis also reveals that the program prioritizes, in 96 of 111 episodes analyzed, direct or indirect referring strategies achieved through names of individuals, places, social projects or institutions or noun phrases. These strategies refer to or evoke social actors either by lexical association or by sociocognitive access to context models. As textual and discursive resources, thematic configurations and referring strategies are intrinsically related to the social goals of *Conexões Urbanas*, which is to be a “TV-in-action”, showing successful social or individual projects developed in different parts of Brazil, specially in Rio de Janeiro. On one hand, we showed that the program’s content selection is detached of one principle of journalistic, the seeking of “sensational” and/or “spectacular”. On the other hand, we also observed that thematic changes that occurred reflected on the way titles were formatted with the increase of the use of complete statements as titles and the decrease of the use of noun phrases as titles. This last movement reveals that the program has gone through a process of reinforcement of its own identity as a journalistic product since its audience is already consolidated.

Keywords: Referring; Theme; Television Production; *Conexões Urbanas*.

Recebido no dia 25 de junho de 2015.

Aceito para publicação no dia 29 de julho de 2015.

ANEXO 1: EPISÓDIOS DAS TEMPORADAS DO CONEXÕES URBANAS

1ª temporada (2008)		
1. Violência e prevenção	10. Lombrá e consciência	19. Segurança
2. Revolucionários	11. Saúde	20. O caminho do coração
3. Liberta Moda	12. Índia	21. Mulher
4. A polícia que queremos	13. Rede Cultural Beija-Flor	22. GLBT
5. Banco Palmas	14. Óleo reciclado	23. Responsabilidade social
6. Empreendedorismo	15. O poder da arte	24. Ação comunitária
7. Pastor Marcos	16. Prostituição	25. Ser humano transformador 1
8. Bagunçaço	17. Talavera Bruce	26. Ser humano transformador 2
9. Casa do Zezinho	18. Tambor social	
2ª temporada (2009)		
1. Conflitos I: Polícia	6. Pacificação	11. Jornalismo em área de conflito
2. Conflitos II: Bandidos	7. Pirataria	12. 5x Favela
3. Circo social	8. Darfur	13. Empregabilidade
4. Fashion Black	9. Nós do morro	
5. Flaskô	10. Porrada social	
3ª temporada (2010)		
1. Cidade Bangu I	5. Saúde e Alegria	10. Veneno e antídoto
2. Cidade Bangu II: chapa quente	6. Maras	11. Celso Athayde: o cara do momento
3. Cidade Bangu III: papo de futuro	7. Complexo	12. Medellín
4. Legalização	8. Tião Rocha	13. Anistia
	9. Pixote e a vendedora de rosas	
4ª temporada (2011)		
1. Trilogia da terra: morrendo pela natureza	5. Dossiê Reimão	12. Exército na rua
2. Trilogia da terra: vivendo na natureza	6. Homofobia parte I	13. O papel social do artista
3. Trilogia da terra: o futuro da natureza	7. Homofobia parte II	14. Gospel
4. Anistia 2	8. Lei Seca	15. Operação Amazônia
	9. Comandos	16. Carreta da Saúde
	10. OELA	17. Poder
	11. Inclusão	
5ª temporada (2012)		
1. Fronteiras: o epicentro dos problemas	4. Sem fiscalização, sem segurança	10. À margem
2. Operação contra o contrabando	5. Escudeiros da luz	11. À margem 2
3. Brasil x Colômbia: igualdades e diferenças	6. Fora do eixo	12. Eles fazem a diferença
	7. Tatuagem	13. Restinga
	8. Presídio Central	14. Papel social da Imprensa
	9. Luta pela Paz	15. O homem por trás do martelo
6ª temporada (2013)		
1. Causa	6. Verdadeiros Ídolos	11. Socorristas
2. Efeito	7. O Rappa	12. INCA
3. Alcatraz Mineiro	8. Rafaella	13. Pedofilia
4. COE	9. Erga-se	14. Faustini
5. CORE	10. Capoeira	15. Radicalizando
7ª temporada (2014/2015)		
1. O que sobrou do céu	6. São Jorge	11. Atrás do sonho
2. Ranking da violência	7. Gerando Falcões	12. Down em movimento
3. Bandido tem jeito?	8. Cultura Urbana SP	13. Cronistas musicais
4. De pai para filho	9. Vá e vença	14. O Niemeyer que salva vidas
5. Somos racistas?	10. Sem hipocrisia	